



**PLASTICIDADE DISCURSIVO-TEXTUAL:
MECANISMOS DE REANÁLISE
TEXTUAL AND DISCURSIVE PLASTICITY:
MECHANISMS OF REANALYSIS**

Graça Rio-Torto¹

RESUMO

Cada ‘classe de palavras’ está prevalentemente associada a determinadas funções e processos de constituição do enunciado: os nomes à referenciação, os adjetivos à predicação. A cada nome ou a cada adjetivo estão associados representações semânticas e conceituais mais prototípicas, mas em texto ou em situação discursiva tais representações podem sofrer alterações substanciais, que os colocam até nos antípodas da sua polaridade matricial. Será aqui explorada a capacidade de alguns nomes e adjetivos assumirem novos valores discursivos e pragmático-funcionais, em vista ao conhecimento das suas condições e dos seus efeitos de uso, uma vez amplamente documentado que os critérios semanticamente não multifactoriais e não ancorados no uso não são suficientes para descrever e explicar a plasticidade discursivo-textual e pragmático-funcional de algumas palavras, no seu uso concreto em situação de interação. No decurso deste estudo observam-se alguns mecanismos de reanálise funcional — gramaticalização, dessemanticização, discursivização, (inter)subjectificação, expressivização — que os itens lexicais sofrem em situação de uso.

PALAVRAS-CHAVE: Reanálise; Plasticidade textual e discursiva; Semântica Cognitiva; Gramaticalização; (Inter)subjectificação.

ABSTRACT

Each class of words is mainly associated with certain functions and processes of discursivisation: the names to the referenciation, the adjectives to the predication. Each name or adjective is associated with prototypical semantic and conceptual representations, but in text or in discursive situation such representations can undergo substantial changes, which can place them in the antipodes of their polarity matrix. The ability of some names and adjectives to assume new discursive and pragmatic-functional values will be explored here, in view of the knowledge of their conditions and their effects of use, once widely documented that non-multifactorial semantic criteria are not sufficient to describe and explain the discursive-textual and pragmatic-functional plasticity of some words, in their interactive use. In this study, some mechanisms of functional reanalysis are observed — grammaticalization, dessemanticization, discursivification, (inter)subjectification, expressivization — that lexical items suffer in a situation of use.

KEYWORDS: Reanalysis; Textual and discursive plasticity; Cognitive semantics; Grammaticalization; (Inter)subjectification.

¹ Professora Catedrática de Linguística da Universidade de Coimbra. Autora de numerosas publicações na área da Linguística. Atua na graduação e na pós-graduação. Diretora do Doutorado em Linguística do Português: <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/7361>



Introdução

No âmbito de uma perspectiva pragmaticista e de uso da língua, que aqui se adota, importa explicitar algumas das premissas que norteiam a reflexão que se segue: (i) a delimitação do semantismo de cada unidade lexical não pode deixar de ter em conta a sua funcionalidade, a qual em caso algum é isolável do uso efetivo, do comportamento textual, discursivo e pragmático de cada palavra; na senda de Moura Neves (2011, 2018a, 2018b), esta perspectiva será denominada de “Linguística funcional baseada no uso”; (ii) a imersão discursivo/textual dos itens pode obrigar à sua recolocação numa nova classe (categorial, semântica), diversa da mais matricial e/ou prototípica, em função dos processos — predicação, referenciação, quantificação, intensificação — de constituição do enunciado e da interação verbal; (iii) o significado é flexível e perspectivista (SOARES DA SILVA, 2006), porque baseado no uso e no co(n)texto deste; (iv) a reanálise categorial/funcional dos itens, por força dos seus valores de uso, permite considerar escalas de prototipia — escalas de gramaticalização, de discursivização, de perspectivização, de deslizamentos figurais de sentido —, nas quais os usos de cada um gradientemente se posicionam, e que a gramática cognitivista das construções (LAKOFF, 1987, GOLDBERG, 1995, entre muitos outros) sustenta.

Um dos princípios do paradigma funcional da linguagem, o da iconicidade (relação de motivação entre forma e significado) é amiúde contornado e/ou enriquecido. Como na língua nada ocorre por acaso, há mecanismos de natureza cognitiva que ajudam a esclarecer o comportamento das unidades sígnicas que codificam os conteúdos conceptuais para fins comunicativos/interativos.

Os efeitos do uso no significado envolvem processos de alteração semântica que se podem traduzir por abstratização ou por genericização, por figuratividade (metaforização, metonimização, metaftonimização), por subjectificação, por expressivização, por desbotamento, por indistinção ou até mesmo por esvaziamento semântico. A perda/inexistência de iconicidade é patente em estruturas opacas, nas quais a relação entre forma e significado é/ parece ser arbitrária, no sentido de que se perdeu total ou parcialmente o significado original. A iconicidade é igualmente patente em construções cujo sentido é difuso, plural e/ou dotado de forte plasticidade, requerendo informações contextuais para a delimitação deste. Observaremos de que modo são codificados pelo Português do Brasil e pelo Português europeu (doravante PB e PE) alguns desses processos de transformação de sentidos em função do seu uso discursivo-textual, qual a interação entre diferentes mecanismos de reanálise (DETTGES; WALTEREIT, 2002), quais os custos de processamento da opacidade ou da difusividade sémicas. Serão analisadas estruturas diversas, nomeadamente algumas que se prestam a leituras com elevado factor de expressividade e de interacionalidade.

Para além dos processos cognitivos (metáfora, metonímia, metaftonímia) presentes na construção textualizada do sentido das palavras, o significado destas exhibe também juízos de

valor não atribuíveis a tais processos, mas ao mecanismo de subjetivização (ATHANASIADOU *et al.*, 2006; TRAUGOTT, 2010), amplamente valorizado pela Linguística Funcional e pela Linguística Cognitiva. A manifestação do ‘ponto de vista’, constitutivo da categorização, está presente de forma quase sistemática em construções de predicação, tipicamente portadoras de significados caracterizados por juízos de valor e pela subjectividade, que não podem ser ignorados. A subjectificação torna-se constitutiva do significado da construção, algo bem patente nos derivados e nos afixos avaliativos (RIO-TORTO, 1993). A presença de uma forte componente subjectiva no semantismo de uma unidade lexical é até visível em lexemas técnicos; por definição, estes seriam tendencialmente mais unívocos; mas, por vezes, quando denominam realidades negativas (cf. *carcinoma*), acabam por ser objeto de valoração disfórica.

Os modelos radiais ou escalares de categorização permitem partir dos significados mais rotinizados para os menos rotinizados, por forma a descortinar o papel dos processos cognitivos e do ‘ponto de vista’ no desenvolvimento dos novos semantismos das palavras, nas construções discursivas (de nomeação, de predicação) de que fazem parte. No quadro seguinte encontram-se as construções a analisar.

Quadro 1 – Construções em análise neste texto

Construções
(um(a)) Senhor(a) (de)
(um/a) Bosta de
Resmas (de)
(um) Puto de
(uma) Puta de
(um/a) Baita de
Horrores (de); Podre de;
Bestial; Brutal; Tremendo

Fonte: elaboração própria

Graus de iconicidade/transparência e de projeção figural

O ser humano associa às entidades, propriedades, situações e aos itens lexicais que as codificam significações relacionadas com as suas experiências individuais e coletivas, mais/ menos experienciadas ou corporalizadas (‘embodied’). O grau de controlo que podemos exercer sobre entidades, propriedades, situações, o grau de importância (funcional, afetiva) que lhes atribuímos, o grau de empatia/antipatia que aquelas nos suscitam, o grau de (in)sucesso na interatividade que permitem, faz com que o semantismo idiossincrático e convencionalizado de que se rodeiam seja fulcral para o falante, para o interlocutor e, portanto, para a interação interpessoal.

As propriedades das entidades/situações convocadas para a expressão da (inter) subjectividade e/ou para a interação podem ter natureza variada, objectiva ou subjectiva, e podem ser propriedades estereotipicamente ligadas a entidades ou situações, ou propriedades que o falante lhes associa *ad hoc* para otimizar a interação verbal.

Há propriedades mais icónicas e de processamento mais transparente e, nesse sentido, menos oneroso ²: em *TOP*, em *SHOW* ou nas formas verbais *AMEI* e *CHOQUEI*, tão usadas no Brasil, o sentido das palavras é transparente e não sofre alterações contextuais de monta. Já em *BARIL*, usado em Portugal em contexto informal, coloquial e familiar, com valor de ‘muito bom; ótimo’, sinalizando entusiasmo ou aprovação, a transparência semântica é nula, até pela origem obscura do mesmo, contribuindo porventura também para que o seu uso seja predominante na linguagem dos jovens, e não na dos mais séniore. O mesmo se diga de *QUE NEM É BOM!*, muito usado por jovens em Portugal, significando ‘muito, excessivo, demais’.

A relação entre as propriedades objectivas de um ser ou objeto, como a dimensão, e a sua (des)valorização é muito variável: há objetos mais pequenos que, não obstante os riscos que representam, são mais amistosos, por serem mais controláveis (cf. (1) *faquinha* vs. *facalhão*); mas a dimensão mais reduzida pode implicar menor valorização (cf. *jacarezinho* vs. *jacarezão*), em função de variáveis diversas, como o valor económico (cf. (2)):

(1). O ladrão ameaçou com uma *faquinha* vs. O ladrão ameaçou com um *facalhão*

(2). Os caçadores capturaram um *jacarezinho* vs. Os caçadores capturaram um *jacarezão*

À luz do padrão/valor de referência ‘perigosidade’, um *jacarezinho* pode ser encarado como mais empático — também porque mais inofensivo — do que um *jacarezão*. Em todo o caso, a avaliação (apreciativa, depreciativa) e a medição, ambas claramente perspectivizadas, não só trabalham em estreita articulação, como também configuram zonas de construção de sentidos transversais a quase todas as áreas do léxico.

Em construções do tipo de “um X de um N”, em que X tem valor predicativo, há casos em que o sentido da avaliação subjectiva não oferece dúvidas interpretativas, porque escorado no sentido convencionalmente estabelecido na comunidade.

(3). *um safado de* um jogador.

(4). *um idiota de* um jogador.

(5). *um bosta de* um jogador.

Com efeito, no caso do *SAFADO* e *IDIOTA*, o sentido de cada um dos predicadores é

² Sobre a relação entre grau de iconicidade, transparência e velocidade de processamento, (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 23).

transparente e não sofre alteração no contexto de uso explicitado. Já no caso de *BOSTA*, do latim medieval *bostar*, *-aris* ‘curral de bois, estábulo’, o sentido concreto de ‘Excremento de gado bovino, ‘excremento de qualquer tipo’, ‘coisa sem qualidade, sem importância, sem utilidade’ sofre transformação figural, de tipo metafonémico, passando a predicar ‘Indivíduo covarde, amoral ou sem dignidade’ (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa³).

O valor predicativo de «*um bosta de um X*» facilmente se relaciona com o valor matricial de *bosta*, e o valor negativo deste será linearmente herdado a partir do original.

O mesmo pode acontecer em estruturas do tipo “um(a) SENHOR(a) (de um) N” (cf. FOLTRAN & NÓBREGA, 2016, cujos dados empíricos são inspirados nos destes autores):

- (6). Ela sempre vai a *umas senhoras* festas.
- (7). Foi *uma senhora de* uma festa!
- (8). Que *senhoras* apresentações! Fez *duas senhoras* apresentações no Carnegie Hall.
- (9). Ela comprou *um senhor* aspirador de pó.
- (10). Eu não fiquei traumatizado, mas levei *senhores* sustos!
- (11). Conseguiu *dois senhores cargos* no senado/Conseguiu *um senhor de* um cargo!

Nestes casos, do valor inicial de SENHOR (latim *senior*, *-oris* ‘mais velho’), ‘indivíduo distinto’ (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁴), projeta-se uma ressemantização no sentido de um valor predicativo de ‘excelente, grande, ótimo’, já dicionarizado.

Em ambas as circunstâncias estão presentes características típicas de um processo de gramaticalização que, segundo Heine; Claudi & Hünnemeyer (1991), são as seguintes e percorrem o seguinte trajecto, no âmbito do conteúdo:

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Com efeito, em *BOSTA* e em SENHOR/A há um processo de reanálise, de ressemantização, de trajetória do +concreto > - concreto, uma vez que os itens lexicais que designam entidades do mundo concreto são utilizados, à luz de um processo analógico, para designar conceitos/objetos de conceptualização mais abstratos (no sentido de menos tangíveis):

BOSTA deixa de denotar ‘excremento’ para predicar negativamente um ‘indivíduo sem dignidade’;

SENHOR/SENHORA deixa de denotar ‘indivíduo/a’ para adquirir um valor predicativo claramente encarecedor, favorável, positivo, já presente na conceptualização associada à

3 Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

4 Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/senhor>>. Acesso em: 04 set. 2018.

denominação de *senhor/senhora*, em construções do tipo «porta-se como um senhor/uma senhora, e não como um/uma qualquer!».

Nas construções em apreço, SENHOR/SENHORA é recategorizado e reanalisado como adjetivo (*senhoras* festas). Adiante veremos que PUTO/PUTA passam de N a adjetivos (*puta emprego*) e a advérbios (*puta gelada, não ver puto*).

Algo de similar se verifica com construções de quantificação, como *MONTES DE, PILHAS DE, RESMAS DE, PALETES DE*. Estas construções funcionam essencialmente como expressões quantitativas nominais de pluralidade vaga (não precisa, não cardinal) e elevada, as quais, por este facto, se permitem uma leitura concomitante ‘de grande intensidade’. Há desbotamento semântico do semantismo referencial de *MONTE, PILHA, RESMA, PALETE, CHARTER*, acompanhada de uma ressemanticização de ‘quantidade plural’ para > ‘grandes quantidades/grande intensidade de N’: *montes de vergonha; pilhas de lixo; paletes de turistas* em Lisboa; *resmas* de casinhas brancas:

(12) «Quando visitámos a Barroca Grande pela última vez, já as resmas de casinhas brancas, enfileiradas umas atrás das outras como num comboio, se haviam esvaziado». (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/resmas>>. Acesso em: 04 out. 2018)

A propósito destas construções “expressão de QUANT + DE + N”, afirma Brito (2013, p. 363-364) que:

nas expressões quantitativas com forma nominal o nome de quantidade tem um estatuto híbrido funcional/lexical: *funcional*, porque constitui uma forma de quantificação, e *lexical*, porque há interdependência entre a natureza semântica do primeiro e do segundo nome. Mas há uma gradação em relação a essa interdependência lexical: ela é fraca com nomes como *dúzia*, uma vez que este se pode usar com qualquer tipo de nome quantificável. [...] A interdependência lexical é forte com nomes de medida (*litro, grama*), uma vez que a escolha do nome de quantidade depende da natureza sólida ou líquida da matéria que está a ser objeto de quantificação.

Nas situações mais prototípicas, como resultado de um processo de gramaticalização, o item torna-se mais gramatical, assumindo posições mais fixas e tornando-se mais previsível no que diz respeito ao seu uso. Pelo contrário, como resultado de um processo de discursivização, o item torna-se menos gramatical, assumindo funções interativas e relacionadas com o processamento do discurso; por via de regra, o item perde as restrições gramaticais típicas de seus usos originais e vê o seu leque de possibilidades de colocação aumentado.

No caso de *montes de, pilhas de, resmas de* com valor quantificador/intensificador, os nomes deixam de ter um sentido literal e estrito para adquirirem, por metaftonímia e por gramaticalização, um valor mais abstrato de quantificador (‘grande quantidade de’), também marcado por maior subjectificação e expressividade favoráveis. *Montes de* caracteriza-se por uma interdependência lexical mais fraca do que *pilhas de/resmas de*, pois se combina,

respetivamente, com entidades ± tangíveis (montes de lixo, montes de vergonha/medo) e +tangíveis (pilhas/resmas de lixo, *pilhas/resmas de vergonha/medo).

“Baita (de)”, “um(a) puta de X”

Dada a imotivação em termos de não composicionalidade morfo-lexical, o sentido de *baita/baita de* é, muito provavelmente, difícil de depreender, mesmo em co(n)texto, até mesmo para falantes de português língua materna não familiarizados com a construção. Nas frases exclamativas, os valores de intensificação são menos opacos. Tipicamente, quando modifica N, *baita* denota ‘muito grande’, e quando modifica A denota ‘intenso’.

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁵, os sentidos mais prototípicos são os de ‘Que é muito grande, Que está bem desenvolvido, Que tem boa aparência ou boa qualidade’ (13), (15) e o de intensidade (14), nomeadamente quando adjacente a um adjetivo (16). Dados análogos registam-se em Foltran & Nóbrega (2016).

(13). *Um baita de* um animal.

(14). Caiu *uma baita* chuva.

(15). Boas ideias! *Baitas* negócios.!

(16). Que *baita* falta de caráter!

(17). Foram *uns baita* sacanas com a pobre menina.

Construções similares são as de “PUTO + Adj.” ou “Verbo + PUTO” (em *não ver puto*), muito usada no PE, sobretudo em linguagem coloquial e dos estratos mais jovens e “UM/UMA PUTA DE X” — ao que creio mais usada no PB que no PE.

Como é sabido, *puta* ‘meretriz’ é a forma feminina de *puto*, do lat. vulgar *püttus*, *-i* ‘rapazinho, menino’ (CUNHA, 1987). Na linguagem informal (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁶), *puto* denota não apenas ‘menino, rapazinho, criança ou jovem do sexo masculino’, mas também

1. ‘(Portugal, Informal) ‘coisa nenhuma, nada’ (ex.: *não percebi puto*)’;

2. ‘(Brasil, Informal) dinheiro, tostão, vintém (ex.: *não pode ir de férias, porque não tem (um) puto*)’; e

3. como adjetivo, ‘[Informal] muito zangado (ex.: *estou puto da vida*)’

5 Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/baita>>. Acesso em: 04 set. 2018.

6 Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/puto>>. Acesso em: 12 set. 2018.

Nos exemplos abaixo, retomados de Foltran & Nóbrega (2016), PUTA é um intensificador, denotando ‘muito bom’ ou ‘muito/intenso’.

Em “UM/UMA PUTA DE X” torna-se problemático para um falante não nativo descodificar se o sentido de intensificador do adjetivo ou do advérbio é marcado de forma favorável ou desfavorável.

(18). Um *puta* emprego ‘um muito bom emprego’

(19). Um *puta* livro ‘um bom livro’.

(20). Ela sempre tem umas *putas* ideias ‘umas muito boas ideias’.

(21). Um *puta* de um carro.

(22). Que *puta* dor de cabeça!

(23). Uma cerveja *puta* gelada ‘uma cerveja muuuuuito gelada, não havendo como inferir se tal é percebido como bom ou mau’

De acordo com informação pessoal de Maria José Foltran, a quem agradeço publicamente, quando usado como modificador, a avaliação de ‘puta’ é sempre engrandecedora, intensificadora e tendencialmente positiva, i. e., trata-se de algo predicado como muito bom (*um puta carro, um puta livro, um puta professor, uma puta escola, umas putas ideias*). Mesmo que se faça referência a algo desagradável, como um funeral, em «foi um puta funeral» estamos a falar de um evento com muita gente, muitas flores, algo pomposo. No caso de o nome modificado denotar algo conotado como negativo, desagradável, como *uma dor de cabeça*, em «Que puta dor de cabeça!» predica-se uma dor de cabeça muito intensa, máxima. Os exemplos em que *puto/puta* modifica adjetivos serão mais raros de encontrar, mas neles a propriedade expressa pelo adjetivo é interpretada como sendo máxima (*Um cara/sujeito puta nojento* equivale a ‘um cara/sujeito muuuito nojento’). O mesmo se aplica no PE ao uso adverbial e intensivo de *puto*, em *não ver puto* ‘não ver absolutamente nada’.

Embora em graus variáveis, o predicador PUTA ainda terá ressonâncias negativas em muitas situações (cf. *puta de vida!*). Nos contextos acima, o seu valor transitou do extremo negativo para o positivo ou para o maximizante, num movimento de união de extremos/opostos que ocorre amiúde na vida e na língua.

Estamos perante um caso inequívoco de subjetivização, encarada como “(...) tendência a converter significados fundamentados na referência externa objectiva em significados baseados na atitude interna do falante (...)” (SOARES DA SILVA, 2006, p. 103). A perspectivização/a avaliação (positiva ou negativa) do falante tem motivações nem sempre fáceis de descortinar, irrefutáveis/irrefragáveis, porque não passíveis de contraditório.

Nos casos em que ocorrem as construções mais cristalizadas ou fixas do tipo de “UM X

DE UM Y”, há maior fixidez sintática no uso de N, que se pode fazer acompanhar de incremento categorial, como em PUTO/PUTA que, de N, podem ser recategorizados como A e/ou como Adv.

Como assinalam Foltran & Nóbrega (2016), o valor intensificador/quantificador de certos nomes transformados em predicadores e/ou intensificadores é acompanhado de propriedades típicas dos predicadores: tendência para uso preferencial em contextos de não definitude, participação em frases exclamativas e em construções com duplicação do determinante em sintagmas indefinidos; tendência para rejeição de cotexto predicativo.

Bestial, brutal: oscilações de polaridade

Bestial tem origem no latim tardio BESTĪĀLIS ‘como um animal’, de BESTĪA, estando atestado, a fazer fé em CUNHA, 1987, desde o séc. XV.

No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁷, apenas é descrito como ‘Próprio de besta; Brutal; Estúpido; Grosseiro; Repugnante’, sendo efetivamente este o sentido mais antigo e ainda atestado:

(24). «Metido atulhadamente no negro porão de um navio, na acumulação bestial dos corpos, na promiscuidade dos suores, sem disciplina, sem água, com a indiferença pelo corpo que dá a miséria do destino, em que estado chega ao seu desgraçado fim aquela miserável criatura condenada, com a sua camisa única e a sua calça solitária ?» (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018)

(25). «Cargas e descargas feitas às costas de «profissionais» que têm na força bestial o único bem disponível para venda.» (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018)

Este adjetivo ganhou novos valores na segunda metade do século XX, tendo sido muito usado no PE coloquial, como se atesta em:

(26). «De vez em quando descubro um tipo **bestial** que me entusiasma, o Kundera, por exemplo;» (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018).

(27). «De um momento para o outro, o irlandês Eddie Irvine passou de «besta» a **bestial**, fazendo esquecer os erros que tantas vezes lhe apontaram». (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018)

Nas 310 ocorrências de *bestial* no Corpus Brasileiro v. 6.0, disponível em <<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>> (Acesso em: 4 out. 2018), domina o valor

⁷ Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/bestial>>. Acesso em: 04 out. 2018.

mais matricial do adjetivo, equivalendo a ‘Próprio de besta; Brutal; Grosseiro; Repugnante’. Apenas na construção fraseológica «de besta a bestial», o valor do adjetivo é encarecedor:

(28). «A direção tricolor ‘tá naquela situação de ser considerada besta ou **bestial**, como dizia o técnico Oto Glória» Corpus Brasileiro v. 6.0, disponível em <<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>> (Acesso em: 04 out. 2018)

Este adjetivo, com este valor, já se encontra atualmente em desuso, na linguagem dos mais jovens, tendo sido substituído por outros equivalentes considerados mais expressivos⁸, como, no PE *baril*, *genial*, *top*. Todavia, no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁹ não está ainda registrado o valor de encarecimento positivo associado ao seu uso coloquial. Com efeito, *um dia bestial*, *um concerto bestial*, *um acordo bestial*, *um resultado*, *um desfecho bestial*, são algo de inequivocamente bom, formidável, sensacional, magnífico. No Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa¹⁰, *bestial* já figura com este valor de ‘(coloquial) formidável, sensacional, magnífico’.

Esta mudança de polaridade não ocorre apenas com *bestial*, adjetivo matricialmente associado a algo percebido como negativo, que vê o seu valor semântico reanalisado no sentido antagônico, passando a denotar algo altamente encarecido: ‘formidável, sensacional, magnífico’. Tenha-se em conta que algo relativo a besta (‘animal’) era algo de grandes proporções, enorme, algo que impressiona ou que pode ser digno de admiração, passando a predicar espetacularidade, impressão favorável, admiração, aprovação.

Assim acontece também com *brutal*, embora o semantismo deste adjetivo possa ser infletido em função do nome a que se associa, apresentando assim uma polaridade de geometria variável.

Brutal, do latim *brutalis*, *-e* (CUNHA, 1987), ‘Próprio de bruto; Desumano, incivil. [Informal] Que impressiona ou é digno de admiração’, equivalendo a ‘espetacular, impressionante’ (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa¹¹).

Ou seja, de ‘extremamente negativo’ pode passar a denotar ‘muito bom, superlativo, espetacular, extraordinário’, como o atesta a descrição que o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa¹² fornece, e que se reproduz:

8 Veja-se a troca de impressões entre António Campos, octogenário amigo do ex-primeiro ministro português José Sócrates, a propósito da visita que fez a este no Estabelecimento Prisional de Évora, e o jornalista: «— Fui lá, tenho trocado correspondência. Saio de lá esfrangalhado. Um gajo não consegue ajudar porque não há acusação», diz. — E Sócrates continua a resistir? “É um tipo com uma resistência bestial. Não se vai abaixo.” (Claro. António Campos. O fundador do PS que regressou para apoiar Sócrates *Jornal i*, 02-05-2015. Disponível em <<https://online.sapo.pt/artigo/389377/antonio-campos-o-fundador-do-ps-que-regressou-para-apoiar-socrates?seccao=Portugal..>>. Acesso em: 8 set. 2018.

9 Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/bestial>>. Acesso em: 04 out. 2018

10 Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/bestia>. Acesso em: 05 set. 2018.

11 Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/brutal>>. Acesso em: 04 set. 2018.

12 Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

Quadro 2. Descrição de *brutal* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa

1. próprio dos animais; animal, ferino
2. cruel; desumano; violento; selvagem
3. muito rude; grosseiro
4. que impressiona profundamente; chocante
5. *coloquial* enorme ou muito intenso; descomunal; excessivo
6. *coloquial* fora do comum; fantástico; extraordinário.

Fonte: elaboração própria

Neste dicionário, como na generalidade dos dicionários de Língua, o semantismo das unidades lexicais é ordenado em função de uma linha diacrónica — do mais antigo e matricial para o mais moderno —, o que tem como consequência que os valores mais comuns dos tempos modernos, porque menos literais, mais figurais ou mais coloquiais, figuram em último lugar, ainda que sejam os mais representados.

Em função do contexto, a atitude subjetiva pode ainda ser favorável ou desfavorável: *X é brutal* pode ser péssimo (*acidente brutal, ataque brutal*), ótimo (*concerto brutal; filme/ espetáculo brutal, passeio brutal*) ou ambos (*cena brutal*).

O valor de intensidade pode ser negativo ou positivo, em função da realidade predicada, estando na relação direta com esta, como se observa através dos dados a seguir extraídos do *CETEM.PUBLICO*¹³. O destacado é nosso.

(29). O sucesso macroeconómico é incontestável, mas como resultado de se ter continuado, no essencial, nos trilhos estabelecidos por Pinochet; de aí deriva uma **brutal realidade social**: na revista *Veja* de 31 de Março, o ministro da Fazenda do Chile [...] reconhece 35 por cento, em 1991, de pobreza absoluta. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018.)

(30). Essa colonização peculiar não prosseguia interesses nem exploração da terra da **maneira brutal** como a Europa se lançou desde o século XVIII à ocupação do mundo. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018.)

(31). Com todos os indicadores a apontarem o arranque dos projectos da Fundação para 1996, incluindo a construção do museu na Praça de Espanha, Monjardino sublinha que a instituição está a ser empurrada «para um **investimento brutal** num espaço de tempo muito curto. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018.)

(32). A sua **dança é brutal**, enérgica, acrobática. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 out. 2018.)

¹³ Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em 04 out. 2018.

(33). Considerada uma superespecial por excelência, com todas as condições para propiciar uma boa visão do acontecimento ao público, em total segurança, **a diferença** para a homónima da Figueira da Foz [...] é **brutal**. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>>. Acesso em: 04 out. 2018.)

(34). «A pedido de muitas famílias [...] está aí a rebentar nas bancas o livro “**Enorme, Brutal, Colossal 2012**”, da Editora ASA. Não, não é o Orçamento do Estado, é uma criteriosa compilação de 80 dos melhores cartoons de 2012 manufacturados por [...] Henrique Monteiro, **Enorme, brutal, colossal 2012** em 04.04.13. (Disponível em <https://henricartoon.pt/2013/04/04/>. Acesso em: 8 set. 2018)

(35). Que *concerto brutal!* Obrigado Valpaços, foi uma noite inesquecível! (#amorelectro. Disponível em <<https://www.facebook.com/AmorElectroPT/concerto-brutal!/1410271942359892/>> set. 2017)

(36). *Brutal! O melhor concerto de sempre dos The Gift! Uma noite mágica!* (A. Fonseca, 17 de novembro de 2012 <https://ptpt.facebook.com/TheGiftOfficial/posts/brutal!...concerto.../402937719778469>)

Por defeito, depreendemos que o adjetivo tem um valor intensivo, maximizante, de sentido altamente encarecedor, favorável, em

(37). Foi **brutal**. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>>. Acesso em: 04 out. 2018)

(38). Acaminhada é **brutal**. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>>. Acesso em: 04 out. 2018)

Podre de, horrores de, tremendo (de)

Nos casos em epígrafe as construções que matricialmente denotam ou se aplicam a algo que é extremo e percebido como mau, invertem o seu valor e predicam algo de muito bom, muito intenso, em grande quantidade.

A associação entre EXTREMO – INTENSIDADE MÁXIMA – MUITO BOM é algo que se inscreve na linha da metáfora conceptual *MORE IS BETTER* (LAKOFF & JOHNSON, 1980) e de espetacularização do brutal, na qual **Horrores de** pode significar, como acontece hoje em dia, na linguagem coloquial, ‘muito, intenso, apreciado’, já aliás dicionarizado (cf. **Horrores de** ‘Muito, bastante, bem, nível muito grande, em grande quantidade; Coisas horríveis’.).

(39). Nossa, aquele livro vendeu **horrores!** = ‘vendeu muito’

(40). Como Vender HORRORES utilizando o Bing Ads - (YouTube - 19/10/2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L4a0K_0tnvU>. Acesso em: 22 junh. 2020).

O sentido negativo («Ele faz horrores com aqueles animais quando ninguém tá por perto»; *par=25691*: Sofri horrores. (*Corpus São Paulo*)) está sofrendo concorrência com o valor quantitativo, intensivo e não necessariamente pejorativo de *Horrores de turistas, de gente*: pelo contrário, o valor encarecedor/apreciativo, sendo mais expressivo, está muito em voga. Este valor também se regista no PB:

(41). Já **facilita** horrores. (CORPO C-ORAL-BRASIL v. 5.0. Disponível em <<https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>>. Acesso em: 22 junh. 2020)

(42). Mas, como isso não aconteceu, o alemão entra para história como campeão mundial e vai **faturar** horrores. (Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETENFolha/>>. Acesso em: 22 junh. 2020).

Uma vez mais, os extremos tocam-se. A transição de polaridade subjetiva negativa para positiva não é inédita ou inesperada na língua. A relação entre belo e horror, a estética do horror/horrendo ou a beleza do trágico são estereótipos conceptualizados há muito e muito glosados. A relação entre o excesso e o mal também, mas de igual modo o nexo entre o excessivo, mesmo que inicialmente negativo, e a positividade também está enraizada na língua: recorde-se que *X é brutal* pode ser péssimo (*acidente brutal*), ótimo (*concerto brutal*) ou ambos (*cena brutal*).

Em várias áreas do saber e da ciência (neurociências, biotecnologia, sociologia, marketing), há sinais de sentido contrário no que toca à relação entre Mais/menos e Melhor/pior, e que estão patentes em impressionantes títulos de artigos científicos:

(43). MENOS É MAIS: KL Hyde et al. Cortical thickness in congenital amusia: when less is better than more. 2007. CK Hsee. Less is better: When low-value options are valued more highly than high-value options. 1998; F. Varoquaux et al.. Less is better: new approaches for seedless fruit production. 2000.

(44). MAIS É MENOS: B. Schwartz. *The paradox of choice: Why more is less*. 2004.

(45). MAIS É MELHOR: D Kahneman et al. When more pain is preferred to less: Adding a better end. 1993; “When more blame is better than less: The implications of internal vs. external attributions for the repair of trust after a competence-vs. integrity-based trust violation”; Peter H. Kim et al. When more blame is better than less: The implications of internal vs. external attributions for the repair of trust after a competence-vs. integrity-based trust violation. 2006.

(46). MAIOR NÃO É MELHOR: DB Downey. When bigger is not better: Family size, parental resources, and children’s educational performance. 1995.

(47). MAIS É (necessariamente) MELHOR (QUE MENOS)? C. A O’Reilly. Individuals and information overload in organizations: is more necessarily better?. 1980.

Do mesmo modo, *PODRE DE RICO* equivale a ‘muitíssimo rico’ (tenha-se em conta

que *podre* denota um grau extremo de maturação) e o valor negativo de *podre* desaparece. Do extremo negativo (*podre de bêbedo*) facilmente se transita para o extremo positivo, mormente quando o adjetivo modificado se situa num espectro de avaliação encarecedora (*podre de chique*).

Também TREMENDO, do latim *tremendus*, -a, -um ‘Que faz tremer; horrível. Espantoso; extraordinário. Grande; formidável.’ (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa¹⁴) pode ter valor encarecedor. Observem-se os dados seguintes, colhidos em Foltran & Nóbrega (2016).

(48) um *tremendo* vendaval.

(49) Deu um *tremendo* (de um) vexame.

(50) Conseguiu algumas *tremendas* vantagens.

(51) Ele é um *tremendo* sacana.

(52) Que *tremenda* cara de pau!

O valor matricial, porventura mais transparente, porque composicional e, nessa medida, mais icónico, deu lugar a um valor metaforizado que serve motivações e desígnios intersubjectivos e interactivos. Acontece que o valor composicional não é mais o processado pela maior parte dos falantes, pelo que o valor derivado e convencionalizado, que em teoria poderia ser menos transparente, mais opaco/mais arbitrário para um não nativo, acabará por ser o dominante e, como tal, o que se encontra amplamente partilhado, não apenas na língua portuguesa, mas também na inglesa (*tremendous* ‘very great in amount or level, or extremely good’¹⁵).

Considerações finais

No transcurso das alterações semânticas, motivadas nomeadamente pelo uso discursivo-textual, pode haver lugar à passagem de um estágio (mais) icónico e transparente para um estado (mais) opaco e arbitrário, ou um percurso em sentido inverso.

Muitas vezes os estágios de chegada das trajetórias de mudança correspondem a fases em que os itens empalidecem o seu significado, passando a significar algo mais genérico, menos específico e em que ganham acrescidos ou novos valores funcionais e/ou expressivos.

Em ambos os casos há trajetória do mais referencial para o menos referencial, caracterizada pela perda de significação com referência extralingüística e aquisição de significados baseados em dados funcionais, sejam gramaticais, discursivos ou pragmáticos. Não raro as reanálises

14 Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/tremendo>>. Acesso em: 04 set. 2018.

15 Cambridge Advanced Learner’s Dictionary & Thesaurus. Cambridge University Press. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles>>. Acesso em: 8 set. 2018

semânticas são acompanhadas de mudanças de polaridade subjetiva/expressiva, no sentido do mais/menos favorável e apreciado. As transferências figurais no significado têm com consequência perdas de transparência na relação entre as duas faces do signo, mas ganhos avultados em termos de funcionalidade e de (inter)subjetividade.

Os dados analisados ilustram uma situação de gradiências a vários níveis. Por um lado, há um grau maior de motivação/iconicidade em que a construção se mantém mais transparente (*um(a) senhor(a) de, um/a bosta de, resmas de*), mas mais expressiva, denotando semantismos mais gramaticalizados, mais genéricos, com densidade referencial mitigada. Por outro lado, registra-se um grau elevado de opacidade (*baita de*), que ganha em expressividade acrescida quando há alteração no discurso da polaridade subjetiva matricial (*uma puta de ‘um bom’*). Por último, há a considerar as construções mais variáveis e de plasticidade máxima (*horrores de, podre de, brutal, bestial, tremendo*): cada um admite três valores e não apenas um, processando uma enorme economia de recursos com um poder funcional e expressivo maximizado, utilizando com mestria os Princípios do Poder Expressivo e o da Economia Maximizados.

Apetece dizer, com Francesca Citron e Adele Goldberg (2014), que *Metaphorical sentences are more emotionally engaging than their literal counterparts*, mas também que enunciados com forte carga expressiva são emocionalmente mais envolventes, apelativos e mobilizadores.

No quadro 3 sintetiza-se o comportamento das construções analisadas, tendo em conta os graus de iconicidade e de opacidade, as (in)alterações na classe matriz e nas de uso atual, e as (in)variações nos valores subjetivos a cada uma associados.

Sinal dos tempos, os símbolos usados traduzem:

(1) 	aprovação
(2) 	desaprovação
(3) 	aprovação ou desaprovação

Quadro 3. Graus de iconicidade, opacidade e valores subjetivos das construções em análise

Grau de iconicidade	Grau de opacidade	Construções	Classe		Valor subjectivo	
			matriz	> de uso	matricial	em texto
Baixo		(um) Puto de	N	Adj./adv./ Intensif.		
	Elevado	(uma) Puta de				
Mto baixo		(um/a) Baita de	Adj./N	Intensif.		
Máximo		(um(a)) Senhor(a) (de)	N	Pred./Intensif.		
	Baixo	(um/a) Bosta de	N	Pred./Intensif.		
		Resmas (de)	N	Quant/Intensif.		
Variável: Plasticidade Máxima	Variável	Horrores (de) Podre de; Bestial; Brutal; Tremendo	N Adj.	Pred./Quant/ Intens. Pred./ Intensif.	 	 

Fonte: Elaboração própria

As alterações mais significativas encontram-se sinalizadas com diferentes cores (cf. *(uma) puta de; horrores (de); podre de; bestial; brutal; tremendo*), explicitando assim mudanças de sentido subjetivo.

Na grelha elaborada, as alterações subjetivas mais acentuadas não estão estritamente correlacionadas com alterações de ‘classe de palavras’, e respetivas funções (com destaque para denominação e sua reconversão em Adj./adv./Intensif.), estando igualmente presentes em alguns casos de transição de N > A, e também em casos de permanência N/N e A/A. A plasticidade máxima verifica-se com as construções *Horrores (de), Podre de, Bestial, Brutal e Tremendo*, todas matricialmente objeto de depreciação subjetiva, mas atualmente também — ou mesmo predominantemente — usadas com valor apreciativo, encarecedor e expressivo.

Referências

ATHANASIADOU, A.; CANAKIS, C.; CORNILLIE, B. (eds.). *Subjectification. Various Paths to Subjectivity*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

BING ADS - YouTube - 19/10/2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L4a0K_0tnvU>. Acesso em: 22 junh. 2020).

BREBAN, T. *English adjectives of comparison: Lexical and grammaticalized uses*. New York: De Gruyter Mouton, 2010.

BRITO, A. M.. Categorias sintáticas. In: MATEUS, M. H. M. *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Caminho, 2003, p. 323-432.

Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus. Cambridge University Press. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles>>. Acesso em 8 set. 2018).

CETENFOLHA. Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETENFolha/>>. Acesso em: 22 junh. 2020.

CETEM.PUBLICO. Disponível em <<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

CITRON, F. MM; GOLDBERG, A. E. Metaphorical sentences are more emotionally engaging than their literal counterparts. *Journal of cognitive neuroscience*, v. 26, n. 11. p. 2585-2595, 2014.

CLARO, L. A. C.. O fundador do PS que regressou para apoiar Sócrates. *Jornal i*, 02-05-2015. Disponível em <<https://ionline.sapo.pt/artigo/389377/antonio-campos-o-fundador-do-ps-que-regressou-para-apoiar-socrates?seccao=Portugal>>. Acesso em 8 set. 2018.

CORPUS C-ORAL-BRASIL v. 5.0. Disponível em <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>. Acesso em: 22 junh. 2020.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987 [1982].

DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. (Eds.). *Corpus do português*. United States: National Endowment for the Humanities. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

DETGES, U.; WALTEREIT, R.. Grammaticalization vs. Reanalysis: a Semantic-Pragmatic Account of Functional Change in Grammar. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, v. 21(2), p. 151-195, 2002.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/>. Acesso em: 05 set. 2018.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 04. set. 2018.

DOWNEY, D. B. When bigger is not better: Family size, parental resources, and children's educational performance. In: *American Sociological Review*, v. 60(5), p. 746, October 1995.

FELIPPE, B. D.. *A polissemia de 'coxinha' no português paulista: uma abordagem segundo a Gramática das Construções Cognitiva*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Letras - área de Estudos Linguísticos: Linguagem e Cognição. GUARULHOS – SP. 2019

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V.. Adjetivos intensificadores no Português Brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos”. *Alfa (São José Rio Preto)* [online], v. 60, n. 2, p. 319-340, 2016.

GOLDBERG, A. E.. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KAHNEMAN, D. *et al.* When more pain is preferred to less: Adding a better end. *Psychological Science*, v. 4, n. 6, p. 401-405, Nov., 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University Chicago Press, 1991.

HETZRON, R. On the relative order of adjectives. In: Hansjakob SEILER (Ed.), *Language universals*. Tübingen: Gunter Narr, 1978, p. 165-184.

KIM, P.H. *et al.* When more blame is better than less: The implications of internal vs. external attributions for the repair of trust after a competence-vs. integrity-based trust violation. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, v. 99, n. 1, p. 49-65, 2006.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HSEE, C. K. Less is better: When low-value options are valued more highly than high-value options. *Journal of Behavioral Decision Making*, v.11, n. 2, p. 107-121, June 1998.

HYDE, K. L. *et al.* Cortical thickness in congenital amusia: when less is better than more. *Journal of Neuroscience*, v. 27(47), pp. 13028-32, 2007.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*, University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. Subjectification. *Cognitive Linguistics* v. 1, n. 1, p. 5-38, 1990.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M.M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M.M. *Gramaticalização no português do Brasil. Uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996, p. 24-41.

MENDONZA IBÁÑEZ, F. J. R.de. El modelo cognitivo idealizado de tamaño y la formación de aumentativos e diminutivos en español. *Revista española de lingüística aplicada*, vol. Extra 1, p. 355-373, 2000.

MONTEIRO, H. *Enorme, brutal, colossal 2012 (04.04.13)*. Disponível em <https://henricartoon.pt/2013/04/04/>. Acesso em 8 set. 2018.

MOURA NEVES, M. H. de. *Gramática de usos do português*, 2ª ed. revisada, São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

MOURA NEVES, M. H. de. *Gramática Funcional*. São Paulo: Contexto. 2018b.

MOURA NEVES, M. H. de. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo, Editora da UNESP, 2018a.

Online Etymology Dictionary, 2001-2018. Disponível em < <https://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

O'REILLY, C. A. Individuals and information overload in organizations: is more necessarily better?. *Academy of Management Journal*, v. 23(4), 684-696, 1980.

Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro. Disponível em <<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em 04 out. 2018).

RIO-TORTO, G.. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Doutorado em Letras, especialidade Linguística Portuguesa. Universidade de Coimbra. 1993. Também disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/44236>>.

SCHWARTZ, B. *The paradox of choice: Why more is less*. New York: HarperCollins Publishers, 2004.

SOARES DA SILVA, A. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TALMY, L.. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon 3*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 57-149.

TRAUGOTT, E.. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: A reassessment. In DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds), *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin/New York, 2010, Walter de Gruyter, p. 29-72.

VAROQUAUX, F. et al.. Less is better: new approaches for seedless fruit production. *Trends in Biotechnology*, v.18(6), pp. 233-42, 2000.

VELOSO, R.; RAPOSO, E. P.. O adjetivo e o sintagma adjetival. In: RAPOSO, E. P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, vol. 2, p. 1357-1493.